

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

**A TRAJETÓRIA DA DITONGAÇÃO DE MONOSSÍLABOS TÔNICOS NA VARIEDADE
CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL**

Anna Carolina Lopes da Silveira

Rio de Janeiro

2023

ANNA CAROLINA LOPES DA SILVEIRA

A TRAJETÓRIA DA DITONGAÇÃO DE MONOSSÍLABOS NA VARIEDADE
CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientador: Profº. Drº. Marcelo Alexandre Silva
Lopes de Melo.

RIO DE JANEIRO

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S587t Silveira, Anna Carolina Lopes da
 A trajetória da ditongação de monossílabos
 tônicos na variedade carioca: um estudo em tempo
 real / Anna Carolina Lopes da Silveira. -- Rio de
 Janeiro, 2023.
 46 f.

 Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de
 Melo.

 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Literaturas, 2023.

 1. Inserção da semivogal antes de /S/. 2.
 Monossílabos tônicos. 3. Variedade carioca. 4.
 Sociolinguística. 5. Mudança linguística. I. Melo,
 Marcelo Alexandre Silva Lopes de, orient. II.
 Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Anna Carolina Lopes da Silveira

DRE: 118060528

TÍTULO DO TRABALHO: A TRAJETÓRIA DA DITONGAÇÃO DE MONOSSÍLABOS
NA VARIEDADE CARIOCA: UM ESTUDO EM TEMPO REAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

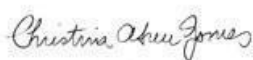
Data de avaliação: 21/07/2023

Banca Examinadora:

Prof.º Dr.º Christina Abreu Gomes NOTA: 10,0

Prof.ª Dr.ª Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva NOTA: 10,0

Assinatura dos Avaliadores:





AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a pessoa mais especial e importante para essa jornada: Mãe. Sem o seu apoio e carinho, eu não teria chegado até aqui. Obrigada pela compreensão e por ser esse exemplo de força e coragem, a maior e melhor amiga, minha inspiração e a pessoa à qual devo tudo.

Agradeço ao meu pai, que proveu condições financeiras para que eu pudesse me manter na Universidade e me dedicasse integralmente aos estudos e ao trabalho acadêmico.

Agradeço também aos familiares e amigos que sempre apostaram no meu sucesso e se alegraram com a minha entrada para a faculdade.

Agradeço especialmente à minha orientadora de iniciação científica, Conceição Paiva, por ter me oferecido uma grande oportunidade de aperfeiçoamento acadêmico através da bolsa de iniciação científica. Sou grata também pelo carinho, cuidado e encorajamento. Tenho pela senhora toda a admiração e respeito.

Agradeço ao professor Marcelo, por ter se disponibilizado para orientar o meu trabalho, pelas conversas produtivas e por todo o aprendizado que as suas aulas proporcionaram para a minha formação.

Agradeço aos professores por todo o conhecimento e aprendizado adquirido ao longo desses anos e que, certamente, contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Agradeço aos amigos e companheiros de graduação, em especial ao Cristian, por todo o apoio e amizade, e a Mônica, pelas trocas, conversas e discussões que estabelecemos. Estou certa de que a companhia de vocês foi imprescindível para minha permanência no espaço universitário.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PRINCÍPIOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: VARIAÇÃO E MUDANÇA	10
2.1 A VARIAÇÃO E A MUDANÇA LINGUÍSTICA	11
2.2 O ESTUDO DA MUDANÇA EM TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL	14
3 DITONGO E DITONGAÇÃO	18
3.1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	18
3.2 A DITONGAÇÃO VARIÁVEL ANTES DE CODA /S/	20
4 AMOSTRA E METODOLOGIA	27
5 A TRAJETÓRIA DA DITONGAÇÃO NA VARIEDADE CARIOCA	31
5.1 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	31
5.2 A VARIÁVEL ITEM LEXICAL	35
5.3 AS VARIÁVEIS SOCIAIS	37
5.4 A VARIÁVEL INDIVÍDUO	39
6 CONCLUSÕES	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

ÍNDICE DE QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Quadro 1 - Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

Tabela 1 - A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras - dados do projeto ALiB

Quadro 2- Relação dos falantes Amostra Censo 1980

Quadro 3- Relação dos falantes Amostra Censo 2000

Gráfico 1 - Ditongação em monossílabos travados por /S/ em 80 e 2000

Tabela 2- Ditongação de acordo com a realização da coda /S/

Tabela 3- Ditongação por tipo de vogal núcleo

Tabela 4 – Tipo de vogal núcleo sem o grupo item lexical

Tabela 5 – Resultados para item lexical

Gráfico 2- Média de ditongação por faixa etária

Tabela 6- Ditongação de acordo com nível de escolaridade sem o grupo indivíduo

Tabela 7- Ditongação por gênero/sexo do falante sem o grupo indivíduo

Gráfico 3- Ditongação por falante - Censo 80

Quadro 4- Relação dos falantes com frequência de ditongação superior a 57%

Gráfico 4- Ditongação por falante - Censo 2000

Quadro 5- Relação dos falantes com frequência de ditongação superior a 72,1%

1 INTRODUÇÃO

A inserção da semivogal [j] nas sílabas travadas por /S/ como em *fe[j]sta*, *pa[j]sta*, *de[j]z* e *tre[j]s* é um fenômeno variável largamente presente no português brasileiro, embora mais frequente em algumas regiões do que em outras (ver SILVA, 2014).

Como já atestado em estudos anteriores, a inserção da semivogal antes de sílaba travada por /S/, embora possa ocorrer em palavras de maior extensão, é particularmente notável nos monossílabos, sobretudo os tônicos (LEITE, CALLOU e MORAES, 2003; TASCA, 2005; SILVA, 2014). Por conta da propensão desse contexto à ditongação antes da coda /S/, optamos, neste trabalho, por verificar a ocorrência do fenômeno em monossílabos tônicos na variedade carioca, reconhecida como uma das regiões em que o fenômeno alcança frequências expressivas. Leite, Callou e Moraes já analisaram a ditongação na fala de indivíduos cariocas com nível superior/universitário em um estudo em tempo real da década de 70 e 90.

O objetivo central deste estudo é verificar a direcionalidade da ditongação de monossílabos tônicos na cidade do Rio de Janeiro, através de um estudo em tempo real de curta duração, do tipo tendência (LABOV, 1994). Para tanto, comparamos duas amostras de fala da comunidade carioca separadas por um intervalo de 20 anos. Além disso, buscamos identificar a regularidade dos condicionamentos linguísticos e sociais que possam estar atuando nas duas sincronias. As amostras utilizadas foram as entrevistas sociolinguísticas organizadas pelo grupo Peul¹ nos anos 80 (Amostra Censo 80) e nos anos 2000 (Amostra Censo 2000).

Nosso trabalho se apoia na Sociolinguística variacionista (LABOV, 1972), quadro teórico segundo os quais a língua é dotada de heterogeneidade ordenada e a contraparte social é tão importante para o entendimento dos fenômenos linguísticos quanto os fatores estruturais. Um pressuposto central do modelo variacionista é o de que um processo de mudança é gradativo e pressupõe estágios de variação em que duas ou mais formas competem pela expressão do mesmo significado antes de se implementar de fato em uma comunidade de fala (Ver, por exemplo, LABOV, 1994). De acordo com essa perspectiva teórica, as correlações entre a idade dos falantes e a frequência de uma variante linguística inovadora podem estar indicando uma mudança em curso na língua.

Neste estudo, partimos da hipótese de que a ditongação nos monossílabos é um processo de mudança em curso na variedade carioca. Dessa forma, nossa expectativa é a de que a inserção

¹ PEUL - PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA: Grupo de pesquisa sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://peul.letas.ufrj.br/>

da semivogal predomine na fala dos cariocas mais jovens e seja fortemente motivada por algumas características da cadeia fonética. Acreditamos que a realização da coda como uma fricativa alveo-palatal e que a ocorrência de vogais anteriores médias no núcleo da sílaba sejam condicionadores significativos do fenômeno, como já atestado em outros trabalhos (LEIRIA, 2000; LEITE, CALLOU e MORAES, 2003; TASCA, 2005; HAUPT, 2008; MOTA E SILVA, 2018). Julgamos, no entanto, que os fatores condicionantes que atuam sobre o fenômeno não se limitam às variáveis segmentais, mas podem envolver também um processo de difusão lexical, como já assinalado por Tasca (2005).

Este trabalho está organizado da seguinte forma: Além desta introdução, no segundo capítulo, retomamos os princípios teóricos ligados à inter-relação entre variação e mudança. No capítulo 3, são apresentadas algumas perspectivas acerca do conceito de ditongo e do estatuto das semivogais, assim como os trabalhos anteriores sobre a ditongação antes de coda /S/ no território brasileiro. No capítulo 4, apresentamos a metodologia adotada e o detalhamento da amostra utilizada no desenvolvimento do trabalho. No capítulo 5, apresentamos e discutimos os resultados da análise multivariacional dos dados obtidos. E, por fim, no capítulo 6, retomamos as principais conclusões deste trabalho, especialmente no que concerne às evidências da trajetória da ditongação antes de /S/ na variedade carioca no intervalo de 20 anos. Seguem-se as referências bibliográficas.

2 PRINCÍPIOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: VARIAÇÃO E MUDANÇA

O século XX surge como um momento histórico em que o cenário dos estudos linguísticos é dominado pelas teorias de base estruturalista e gerativa. A primeira, inaugurada por Ferdinand de Saussure através de seu Curso de Linguística Geral (1916), propunha um conceito de língua por meio de uma dicotomia: *langue* (sistema) e *parole* (fala). A *langue* (sistema) seria a estrutura abstrata homogênea compartilhada pelos indivíduos de uma mesma comunidade de fala. Assim, para Saussure, a língua diz respeito às regularidades das regras compartilhadas pelos indivíduos. A fala (*parole*), por sua vez, acomoda as possíveis variações e diferenças no uso que os indivíduos fazem do sistema linguístico.

Além da clássica dicotomia entre *langue* e *parole*, Saussure advogava também em favor de uma separação entre sincronia e diacronia nos estudos linguísticos. O estudo sincrônico seria o retrato instantâneo de uma língua em um determinado ponto do tempo, ou seja, o modo como se estrutura no momento em que está sendo estudada. Já o estudo diacrônico seria a análise da organização e funcionamento de uma língua ao longo do eixo do tempo, buscando as diferentes etapas do seu desenvolvimento.

Já aqui temos um grande obstáculo prático para determinar que ponto do estudo de uma língua é sincrônico e que ponto é diacrônico, já que todo estado de diacronia de uma língua foi admitido como sincronia em algum momento anterior. Fundamenta-se com essas dicotomias uma visão de língua sob uma perspectiva de homogeneidade.

Apesar de reconhecer a inegável função social da língua, Saussure acreditava que esse ponto deveria ser ignorado conscientemente pelo pesquisador e que apenas as características compartilhadas por todos os indivíduos constituem o objeto teórico dos estudos linguísticos.

É então que no final dos anos 50, Chomsky revolucionou os estudos feitos na área linguística com o advento da teoria gerativa. O modelo inicialmente proposto pelo autor descartava o valor social das formas linguísticas, mantendo, em sua teoria, a noção de homogeneidade. Colocando o foco na sintaxe, o autor propõe que os seres humanos possuiriam uma capacidade inata para a aquisição da linguagem, ou seja, todos nascemos com um dispositivo inato que permite a comunicação e todas as línguas compartilham de elementos universais.

É justamente em oposição à noção de homogeneidade que subjaz às correntes estruturalistas e gerativistas da época que um novo ângulo de observação para os fenômenos

linguísticos é proposto pela Sociolinguística Variacionista. Esta teoria surge como um campo de estudos científicos cuja preocupação fundamental é o estudo da língua como sistema heterogêneo e sua correlação com a sociedade, colocando em foco um aspecto, até então, relegado dentro dos estudos linguísticos.

O principal responsável pela sistematização e popularização desta ciência seria o linguista William Labov, através da publicação do livro "Padrões Sociolinguísticos" (1972). Ainda assim, é importante destacar que foi com a publicação de "Fundamentos empíricos para uma teoria da variação e da mudança", em 1968, de autoria de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, que as questões fundamentais da teoria da variação e da mudança linguística foram abordadas inicialmente. Esse texto funcionou como um manifesto e reuniu o que se tinha em discussão sobre as teorias linguísticas vigentes até à época.

Ao retomarem as concepções de homogeneidade e de mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (op. cit.) pontuam que:

Como mostraremos a seguir, encontramos razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que um desvio de um sistema homogêneo não são todos eles erros aleatórios de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala. (WEINREICH, U; LABOV, W; Herzog, M. 2006 [1968], p. 60)

Os autores defendem que a heterogeneidade é inerente às línguas naturais e que a variação não é aleatória ou desordenada. Ao contrário: é regida por fatores sistemáticos que atuam no interior do sistema e na organização das comunidades de fala.

O declarado interesse da sociolinguística pela inter-relação entre o linguístico e o social permitiu ultrapassar os limites de uma descrição pura e simples das estruturas da língua a partir de uma visão da mesma como sistema independente. Como pontuou Mollica (2004, p. 9) "Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade," Na introdução a Padrões sociolinguísticos, o próprio Labov (2008 [1972]), faz um "puxão de orelha" aos leitores em um breve comentário sobre sua resistência pessoal ao termo sociolinguística, justamente por descartar qualquer possibilidade de haver alguma prática linguística que não considere a dimensão social.

Reconhecendo a complexidade inevitável das línguas, na medida em que são faladas por seres humanos que estão em constante interação e que possuem objetivos comunicativos comuns, Weinreich, Labov e Herzog (op cit) situam a variação e a mudança no centro dos estudos linguísticos.

2. 1 A VARIAÇÃO E A MUDANÇA LINGUÍSTICA

Um pressuposto central do modelo variacionista é a correlação entre a variação e a mudança linguística. Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, é preciso admitir a variação e a mudança linguística como uma consequência natural da dinamicidade dos sistemas linguísticos, característica de todas as línguas naturais. Essa dinamicidade culmina na evolução de processos fonético-fonológicos, morfossintáticos, morfológicos e sintáticos que levam uma determinada língua a um novo estado de estruturação. Como defendem Weinreich, Labov e Herzog, é necessário “romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade”(2006 [1968] p.88) e aceitar que a variação em diferentes níveis está intimamente ligada à heterogeneidade inerente à língua.

A variação é entendida como a alternância entre duas ou mais formas (variantes) que atuam em um mesmo contexto, sem prejuízo semântico (do significado) ou sintático (funcional). No caso do fenômeno em análise é a ocorrência da semivogal [j] antes de coda /S/ nos monossílabos tônicos como em *três* e *mas*. As variantes possíveis seriam a forma ditongada quando a semivogal é realizada (*trê[j]s* e *ma[j]s*) ou a não ditongada, quando a semivogal não é inserida (*três* e *mas*).

Outro postulado central para a teoria da variação e da mudança é o reconhecimento de que um processo de variação pode indicar uma mudança em curso na língua e, conseqüentemente, a aceitação de que toda mudança pressupõe um estágio anterior de variação. Se por motivações linguísticas e sociais uma variante passa a ocorrer menos, sendo suplantada estatisticamente pela forma concorrente, até o ponto em que deixe de existir na língua, temos aí uma mudança implementada. Em outro cenário, pode ser que as formas permaneçam em variação constante sem que uma tome, necessariamente, a dianteira e o lugar da variante rival. Assim, as duas formas permanecem em convívio na língua constituindo um quadro de variação estável.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a variação não é caótica. Ao contrário, é ordenada e motivada tanto por fatores linguísticos e estruturais como por fatores sociais e cognitivos. Além disso, como destacam WLH (2006 [1968] p.88), “uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua”.

É importante não cair em armadilhas epistemológicas quando se usa o termo mudança para referir-se a fatos linguísticos, a língua continua estruturada enquanto as mudanças ocorrem (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 1994). Em seu livro “*Principles of language change, vol 1.*”

internal factors” (1994), Labov comenta que a estabilidade é uma das mais importantes propriedades de um sistema linguístico. Pontua ainda que é muito mais fácil para um indivíduo aprender uma língua que exiba comportamento estável do que se esta continuasse mudando indescritivelmente. Para o autor, um sistema de comunicação é melhor apreendido quando compartilhado com vizinhos sem que se envolva aprendê-lo do começo (LABOV, 1994, p. 9, tradução nossa) ou seja, a língua é um sistema que se convenciona entre os indivíduos a fim de estabelecer comunicação.

Para Labov (op. cit.), a mudança verificada nas línguas é um fato percebido no curso de nossa existência, uma obviedade da qual ninguém seria capaz de discordar. Mas, diante de um fato tão óbvio, o grande desafio de uma teoria da mudança linguística residiria na compreensão do processo: como uma língua passa de um determinado estado a outro, em um certo espaço de tempo, sem que os indivíduos tenham problemas de entendimento e sejam capazes de estabelecer comunicação mútua? A estabilidade e a mudança estão inter-relacionadas, mas como?

A mudança é bastante irregular na medida em que diversos cenários podem acontecer ao mesmo tempo: uma mudança pode se espalhar rapidamente em alguns pontos geográficos, em certos contextos estruturais e sociais e se estender a outros que não apresentam os mesmos condicionamentos linguísticos e sociais para a implementação do fenômeno. Um processo de mudança que esteja acontecendo em uma língua é muito improvável de acometer os indivíduos de uma comunidade de fala de maneira uniforme. Estes interessantes questionamentos sobre a mudança linguística levaram Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a propor importantes conceitos a fim de entender melhor os problemas da mudança linguística.

Os autores listam o que chamaram de “problemas empíricos para uma teoria da mudança linguística”. O primeiro seria o problema das restrições, isto é, os fatores linguísticos e sociais que podem motivar a implementação ou recuo de uma variante inovadora na língua. O segundo problema diz respeito ao encaixamento linguístico e social de uma mudança no sistema linguístico, ou seja, a forma como a entrada de uma variante inovadora e sua repercussão social impactam outros pontos da estrutura linguística. O terceiro problema, o da implementação, procura entender os fatores responsáveis pela propagação da mudança numa dada comunidade em um certo período do tempo, os contextos linguísticos e também sociais que possam atuar na implementação da mudança. O quarto problema é o da transição, pois a mudança é bastante irregular e se propaga de maneira diferenciada entre os falantes. Antes de se completar um fenômeno de mudança, há um período de variação em que as formas variantes coexistem na

comunidade. O problema da transição está justamente em entender o processo de variação entre duas formas até que uma delas se imponha e a outra desapareça da língua. O quinto e último problema é o da avaliação, isto é, a forma como os falantes avaliam uma determinada variante na língua pode impactar fortemente um fenômeno de mudança, já que os indivíduos atribuem valor às formas linguísticas. Assim, uma valoração positiva pode levar uma variante a propagar-se mais rapidamente e acelerar um processo de mudança. Por outro lado, uma valoração negativa pode produzir o efeito contrário, provocando o recuo de um processo de mudança.

2.2 O ESTUDO DA MUDANÇA EM TEMPO APARENTE E EM TEMPO REAL

Um dos objetivos centrais de um estudo sociolinguístico variacionista é o estudo da mudança em curso. Determinar com precisão o nascimento e morte de uma variante tem se mostrado tanto um interesse quanto um desafio para os estudos linguísticos. Os avanços tecnológicos das últimas décadas têm permitido a gravação da fala de indivíduos em situações mais reais de comunicação e esses avanços têm sido valiosos para o estudo da mudança (LABOV, 1994).

Diante de um cenário cada vez mais favorável ao estudo dos fenômenos linguísticos, Labov (op. cit.) elenca dois procedimentos teórico-metodológicos para observar um processo linguístico variável em uma dada comunidade e encontrar evidências que permitam tecer assunções sobre a natureza do fenômeno e a chance de se estar presenciando uma possível mudança em curso na língua.

A primeira forma seria através das evidências em tempo aparente, ou seja, através das correlações entre a idade dos falantes e a frequência de uma variante linguística. Tal procedimento baseia-se na chamada hipótese clássica de aquisição da língua, que preconiza que o sistema do indivíduo permanece estável após o período crítico de aquisição da linguagem, ou seja, por volta da puberdade (LENNEBERG, 1967; LABOV, 1994). Assim, numa amostra composta por pessoas de faixas etárias diferentes, a fala desses indivíduos vai refletir seus respectivos sistemas de quando tinham por volta de 15 anos. Por exemplo, a fala de uma pessoa com 60 anos atualmente refletiria um estado linguístico de 45 anos atrás, ou seja, 1978. Por outro lado, a fala de alguém com 40 anos hoje refletiria o sistema de 1998 (BAILEY et al, 1992; NARO, 2003). Dessa forma, através das faixas etárias estariam projetados diferentes estágios de uma língua, ou seja, diferentes perfis etários refletem sistemas linguísticos adquiridos em momentos distintos.

O estudo em tempo aparente permite ao pesquisador observar certos padrões de uso e projetar a tendência de um fenômeno variável. (LABOV, 1994). Espera-se que a relação estabelecida entre as variantes possíveis de uma variável e a faixa etária dos indivíduos denuncie alguns aspectos relevantes para se entender o estado da mudança em uma comunidade de fala.

As evidências do estudo em tempo aparente têm um valor inegável para o estudo da mudança, principalmente para as mudanças mais incipientes, mas não é a única ferramenta disponível. Apesar de ser de extrema validade e conduzir a inferências pertinentes sobre o futuro de uma determinada variante na língua, tais evidências podem não ser decisivas. Afinal, alguns problemas podem aparecer frente ao pesquisador que se depara apenas com as evidências fornecidas pelo estudo em tempo aparente (LABOV, 1994). Segundo Labov (op. cit.), no caso de uma correlação significativa entre uma variante linguística e uma faixa etária, duas situações são possíveis: mudança de fato ou apenas uma gradação etária, isto é, uma mudança regular de um comportamento linguístico de determinada idade que tende a se repetir a cada geração.

Uma outra forma de se depreender evidências mais seguras acerca da possível implementação de uma variante linguística é a realização de um estudo em tempo real por meio da observação de um fenômeno em momentos distintos do tempo. Esse período de tempo pode ser longo, o que exigiria do pesquisador uma busca nas fontes mais antigas, ou seja, textos representativos de sincronias passadas. A outra possibilidade de verificar a direcionalidade de uma variante inovadora é através da comparação do fenômeno em amostras de fala da mesma comunidade separadas por uma geração. Um intervalo de, aproximadamente, 20 anos seria o tempo mínimo necessário para atestar mudanças que possam estar ocorrendo na língua, configurando um estudo em tempo real de curta duração.

O próprio Labov (1994) já apontou que a melhor forma de se observar um fenômeno de mudança linguística é através da conjugação de um estudo em tempo aparente e em tempo real. Apenas comparando os resultados obtidos pela análise das duas sincronias observadas, poderemos tirar conclusões mais fundamentadas sobre correlações significativas de uma variante com faixas etárias distintas.

Um dos mais famosos exemplos são os estudos de Gauchat (1905) e Hermann (1929). Em uma visita a Charmey, uma comunidade francófona na Suíça, Gauchat (op. Cit.) fez algumas constatações interessantes sobre diferenças linguísticas correlacionadas à idade. Na fala de pessoas mais velhas, havia predominância de uso da lateral palatal [ʎ]; na fala dos mais

jovens o [y] é que predominava; os indivíduos de meia-idade faziam uso de ambas as formas. Também acontecia com outro fenômeno; os mais velhos usavam uma forma [θ], os mais novos [h] e os de meia idade as duas. O pesquisador então fez suas “predições” e apontou que as variantes dos falantes mais velhos - lateral palatal [ʎ] (como em *feuille*) e o [θ] (como em *our*) seriam substituídas por [y] (como em *foye*) e [h] (como em *hour*). 24 anos mais tarde Hermann (op. Cit.) revisitou a mesma comunidade e constatou que Gauchat estava certo quanto a sua predição em relação à lateral palatal [ʎ]: a variante havia desaparecido. Mas, quanto a variação entre [θ] e [h], nesse caso, a variante mais antiga estava ainda em vigor na comunidade. Ele constatou que os jovens que antes utilizavam a forma [h] agora estavam variando entre [θ] e [h]. O achado de que os falantes iam adotando essa forma à medida em que entravam em nova fase de suas vidas, de certa forma, trouxe novas evidências que confrontaram a hipótese clássica de que o indivíduo não altera sua fala ao longo de sua vida. (LABOV, 1994, p. 85-86; NARO, 2003, p. 46-47).

O estudo de tempo real em curta duração pode ser empreendido de duas maneiras, com focos e interesses diferentes, mas complementares: são eles conhecidos como estudos painel e tendência. Uma metodologia do tipo painel focaliza o indivíduo e permite verificar as evidências do tempo aparente. A intenção é acompanhar a fala de um mesmo falante ou grupo de falantes ao longo de suas vidas e poder tirar conclusões que apontem, ou não, na direção da hipótese de estabilidade do sistema linguístico do indivíduo (WAGNER, 2012; SANKOFF, 2006; PAIVA, 2003). A outra possibilidade metodológica, o estudo do tipo tendência, compara a configuração de um processo de variação em duas amostras estratificadas de uma mesma comunidade. A relação entre as duas metodologias é bastante instigante, pois acredita-se que um indivíduo seja representativo da comunidade de fala na época em que se realiza a amostra. Contudo, comparar os padrões na fala do indivíduo às tendências exibidas pela comunidade pode ser a chave para entender cada vez mais sobre o processo de mudança e identificar os possíveis líderes da implementação de uma nova variante.

Os resultados da conjugação dos estudos painel e tendência permite várias possibilidades interpretativas, que, segundo Sankoff (2006), podem ser esquematizadas como no quadro 1.

Quadro 1 - Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

interpretação	indivíduo	comunidade
1. estabilidade	estável	estável
2. gradação etária	Instável	estável
3. mudança geracional (tempo aparente)	Estável	instável
4. mudança comunitária	Instável	instável

Fonte: Adaptado de SANKOFF, 2006, p.5

Tomando por base os princípios teóricos retomados neste capítulo, o nosso objetivo neste trabalho é o de verificar a direcionalidade do processo variável de inserção da semivogal [j] antes de coda /S/ em monossílabos tônicos na fala carioca. Buscamos evidências que possam indicar se o processo está em variação estável, recuando ou se implementado nesta comunidade de fala.

3 DITONGO E DITONGAÇÃO

Este capítulo trata das principais perspectivas teóricas acerca da formação do ditongo e sobre o fenômeno da ditongação antes de /S/ sob diferentes abordagens ao longo do território brasileiro.

3.1 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

O conceito de ditongo é ainda objeto de debate em diferentes perspectivas teóricas e ainda muito se discorda sobre sua natureza fonológica. Para Mateus e Xavier (s.d. p. 123), por exemplo, o termo ditongo se refere a uma “sequência vocálica no interior de uma única sílaba, formado por uma vogal e uma semivogal ou por uma semivogal e uma vogal em que a vogal constitui o núcleo de sílaba”.

Câmara JR (2019 [1970]) em capítulo intitulado “O estatuto dos ditongos em português” propõe-se a discutir o que seriam os ditongos sob uma perspectiva estruturalista. Segundo o autor, “quando a vogal, em vez de ser o centro da sílaba, fica numa de suas margens, como as consoantes. O resultado é uma vogal modificada por outra na mesma sílaba, constituindo-se, assim, o que se chama o ditongo”(CÂMARA, 2019, [1970], p.71). O autor considera essas vogais como assilábicas e mais adiante no mesmo texto, ao discutir as estruturas silábicas no português, especifica que:

Já sabemos, por outro lado, que há em português, como alofones assilábicos, as vogais altas /i/ e /u/ (*pei-to*, *pau-ta*). Se eles funcionam como C (elemento marginal), s/ao, não obstante, de natureza V, e surge o problema de representar tais sílabas como CVC ou CVV. É muito mais do que uma mera questão de alternativa de representação. Em CVC pressupõe-se uma sílaba travada, enquanto que em CVV está contido o conceito de sílaba livre. (Câmara JR, op. Cit p. 82)

Portanto, já em Câmara Jr. vemos contempladas questões como: Qual a natureza da semivogal? Aproxima-se mais de uma consoante ou de uma vogal? Ao se comportarem como uma consoante e ocuparem a posição marginal da sílaba ao mesmo tempo em que não tem as propriedades de uma consoante plena, as semivogais abrem um importante espaço para a discussão da própria definição de ditongo.

As reflexões de Mattoso Câmara foram retomadas e discutidas por diversos autores, que ofereceram outras interpretações sobre as semivogais e, conseqüentemente, sobre o estatuto dos

ditongos em Português, ancoradas em outras perspectivas teóricas. Bisol (1994), com base no modelo teórico da Geometria de traços e em princípios de organização da sílaba, defende em seu artigo “Ditongos derivados” a hipótese de que no português do Brasil é possível encontrar duas classes de ditongos decrescentes: os ditongos verdadeiros ou pesados (fonológicos) e os ditongos falsos ou leves (fonéticos). No caso dos ditongos pesados, em palavras como *reitor* e *pauta*, existem de fato duas vogais na estrutura subjacente e são, portanto, invariantes. Os ditongos leves, por sua vez, por não possuírem duas vogais na estrutura subjacente admitem a possibilidade de a semivogal ocorrer ou não, como é o caso da variação *peixe* ~ *pexe*- e *feira* ~ *fera*.

Na interpretação da autora, enquanto os ditongos pesados se associam a duas posições no tier da rima, os ditongos leves são associados a uma única posição. Um dos principais argumentos utilizados para sustentar essa hipótese é o de que não encontramos na língua formas alternantes monotongadas para palavras como *reitor* e *pauta*. Em contrapartida, a variação entre as formas ditongadas ou monotongadas para palavras como *peixe* e *três* é perfeitamente possível e aceitável e são encontradas com facilidade em diversas variedades do português brasileiro. (PAIVA, 2003; TASCA, 2005; LEIRIA, 2000; LEITE, CALLOU E MORAES, 2003, MOTA e SILVA, 2015)

Para Bisol (op. Cit.) um argumento adicional para sustentar a hipótese é a formação da semivogal por assimilação de traços. Assim, o processo de inserção de semivogal [j] em itens como *tre[j]s* e *rapa[j]s*, por exemplo, resultaria em ditongos fonéticos, ou seja, só haveria uma vogal na estrutura subjacente destas palavras. Portanto, o mesmo processo que se verifica na alternância *peixe/pexe* ocorreria igualmente em *freguês/fregue[j]s*. A autora acredita ser altamente improvável pensar uma regra que permita ora a inserção da semivogal (*ve[j]xame*, *peixe*) ora não (*vexame* e *pexe*) quando os contextos apresentados são muito próximos. Para que uma regra de inserção e outra de cancelamento seja aplicada haveria a mobilização de muitos esforços teóricos. Nos termos da autora:

Admitir que todos os casos exemplificados, incluindo os de 4, possuam ditongo na forma mais interna e que o glide apaga variavelmente, embora seja uma análise possível, complicaria a descrição do léxico e teria de contar com alguma motivação estrutural para o apagamento do glide. Disso desconhecemos qualquer indício. (BISOL, op. cit., p.127)

É justamente esse um dos pontos refutados por Gonçalves e Costa (1995). Os autores revisitam as interpretações anteriores e apresentam suas próprias contribuições para o tema. Assim, elencam uma série de argumentos para defender a existência de dois tipos de ditongos: os legítimos e os ilegítimos. Segundo os autores, os ditongos legítimos corresponderiam aos

ditongos formados por uma vogal (ocupando a posição do núcleo da sílaba) e uma semivogal ocupando a posição de coda da sílaba, o que resultaria em uma sílaba pesada. Essa coda pode ou não aparecer na estrutura superficial da sílaba, isto é, a semivogal pode ser cancelada e não aparecer na realização final da palavra por motivações fonológicas ou não.

Segundo os autores, na classe dos ditongos legítimos incluem-se tanto os ditongos pesados como os ditongos leves distinguidos por Bisol. Já os ditongos ilegítimos corresponderiam àqueles que emergem na estrutura superficial da sílaba em decorrência de condições e ambientes específicos, dentre eles: desfazer um hiato em posição final como em *koa*, realizado como *kowa*; entre vogal e consoante fricativa alveo-palatal, caso de *mês* realizado como *me[j]s* e entre vogal e travamento consonântico nasal em final de palavras como em *homem*, realizado como *home[j]m*. Dentro dessa perspectiva, a ditongação variável em sílabas travadas por /S/ pode ser entendida em termos de uma regra de inserção.

As interpretações sobre o ditongo em português contribuem para o entendimento do contorno teórico do fenômeno que nos interessa neste trabalho: a ditongação antes da coda /S/.

3.2 A DITONGAÇÃO VARIÁVEL ANTES DE CODA /S/

A ditongação antes da coda /S/ já foi percebida e destacada em diferentes estudos (CÂMARA JR, 1953, LEITE DE VASCONCELOS, 1970 [1901]; SILVA NETO, 1963; REVAH, 1958, TEYSSIER, 2014 [1980]). Leite de Vasconcelos (op. cit., p. 133) foi o primeiro a notar que no Brasil “[...] acrescenta-se um i à sílaba final de certas palavras terminadas por –ê: fei = *fê = fez, trei = *trê = trê, francei = *France = francês...”²

Desde então, diversos pesquisadores propuseram-se a investigar este fenômeno em diversas regiões e localidades do país com o objetivo de verificar a extensão deste processo que caracteriza o português brasileiro (PB) em oposição ao português europeu (PE) e os condicionamentos linguísticos e sociais que motivam a inserção da semivogal [j] antes da coda /S/. O surgimento de estudos sob diferentes perspectivas e metodologias em diversos pontos do país foi possibilitado pela constituição de diversas amostras de fala do PB. Um desses empreendimentos foi o ALiB, *Atlas Linguístico do Brasil*, que se propõe a disponibilizar um corpus das (principais) capitais do Brasil através de questionários fonéticos/fonológicos e

² ‘on ajoute un i à la syllabe finale de certains mots terminés par –ê: fei = *fê = fez, trei = *trê = trê, francei = *France = francês. (p. 133).

questionários semânticos e lexicais que têm servido de base para a caracterização das diferentes variedades do português brasileiro e dos limites geográficos de vários fenômenos variáveis.

A partir do corpus do ALIB, Silva (2014) fornece uma fotografia da inserção da semivogal antes da coda /S/ no português brasileiro. Considerando a frequência desse processo nas 25 capitais do país, a autora fez o levantamento dos itens lexicais propensos à ditongação através dos questionários utilizados pelo projeto e conseguiu um mapeamento interessante do fenômeno, como mostra a tabela 1, reproduzida da autora.

Tabela 1 - A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas capitais brasileiras - dados do projeto ALiB

CAPITAL	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Salvador	120/292	41	0,90
Maceió	175/421	42	0,84
Recife	105/384	27	0,81
Rio de Janeiro	54/278	19	0,78
Teresina	71/188	38	0,77
Natal	88/276	32	0,77
Fortaleza	61/205	30	0,76
São Luís	102/341	30	0,71
Aracaju	76/290	26	0,70
João Pessoa	53/212	25	0,70
Manaus	148/578	26	0,69
Boa Vista	124/440	28	0,62
Porto Velho	102/403	25	0,59
Rio Branco	67/291	23	0,56
Macapá	85/588	14	0,44
Belém	27/283	9	0,40
Cuiabá	59/371	16	0,34
Goiânia	75/441	17	0,33
Vitória	45/301	15	0,30
Campo Grande	48/300	16	0,28
São Paulo	4/331	13	0,22
Belo Horizonte	53/453	12	0,20
Florianópolis	41/488	8	0,19
Curitiba	30/399	7	0,13
Porto Alegre	20/341	6	0,08

Fonte: Reproduzido de SILVA (2014, p.8)

Como fica claro na tabela 1, há uma larga variação no índice do fenômeno por capital, o que levou a autora a distribuí-las em três grupos: o primeiro grupo inclui as capitais com pesos relativos elevados para ditongação, entre 0,69 e 0.90. Destacam-se Salvador, Maceió e Recife, com percentagens superiores a 80%, seguindo-se Rio de Janeiro, Teresina, Natal, Fortaleza, São Luís, Aracaju, João Pessoa e Manaus. No segundo grupo, estão as capitais consideradas

como aquelas que apresentam um maior espectro de variação, com valores intermediários. É o caso de Boa Vista, Rio Branco e Porto Velho. No terceiro grupo, estão incluídas as capitais Macapá, Belém, Cuiabá, Goiânia, Vitória, Campo Grande, São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre, com pesos relativos desfavoráveis ao fenômeno.

Não por acaso, destaca-se, sobretudo, o interesse pela inserção da semivogal [j] no contexto de sílabas fechadas por /S/ no português falado na Região Sul do Brasil. Instigados pela quantidade incipiente de informações sobre o fenômeno na região, diversos autores buscaram mapear a ditongação antes de coda /S/ nas capitais e em outras cidades da Região Sul, seja através de métodos dialetológicos, seja através de uma metodologia variacionista. Com o objetivo de verificar um possível processo de difusão, os trabalhos de Leiria (2000) e de Zibetti e Margotti (2015) se concentram nas capitais do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, analisando amostras de fala de falantes de diferentes faixas etárias.

Zibetti e Margotti (op. Cit) constatarem que o aumento de ditongação parece estar mais avançado na capital Florianópolis do que em Curitiba e Porto Alegre. Nesse aspecto diverge dos resultados encontrados por Leiria (Op. Cit.), que não atesta diferença significativa entre Florianópolis e Curitiba. Os dois trabalhos convergem, entretanto, no que se refere à maior resistência de Porto Alegre. A destacar, ainda, que, segundo Haupt (2008), o índice de ditongação antes de sílabas travadas por /S/ é baixo, também, na cidade de Florianópolis.

Também centrada na região Sul, Tasca (2005) analisou o fenômeno de inserção de [j] em quatro comunidades étnicas do Rio Grande do Sul sob a perspectiva variacionista proposta por Labov. As comunidades de interesse da autora foram Flores da Cunha, Porto Alegre, Panambi e São Borja. A hipótese que norteou o trabalho da autora foi a de que a ditongação nessa região é incipiente, com percentual baixo de aplicação. A autora fez o levantamento dos dados de 80 entrevistas, distribuídas pelas 4 comunidades observadas, ou seja, 20 entrevistas por comunidade.

Voltados para uma região pouco estudada, Sanches e Pereira (2020) focalizaram a ditongação antes da coda /S/ na fala dos amapaenses nativos, com suporte teórico da Geossociolinguística e dados do Atlas Linguístico do Amapá. O confronto dos resultados obtidos no estudo dos autores mostrou uma interessante diferença em relação ao estudo de Silva (2014). Enquanto a autora mostrou que a capital de Macapá aparece entre o grupo de capitais com baixa incidência, portanto, desfavorecendo o fenômeno, a pesquisa de Sanches e Pereira encontrou evidências que mostram forte espraçamento da ditongação não só na capital Macapá como na fala dos amapaenses em geral, alcançando índice de 83% de realização.

Como podemos perceber, o fenômeno se processa de maneira distinta ao longo do território brasileiro. Ainda assim, algumas conclusões parecem ser compartilhadas. Destaca-se nos diversos estudos sobre a ditongação antes da coda /S/ a regularidade no efeito da extensão da palavra e do acento lexical. Embora a ditongação possa ocorrer em palavras com extensão maior do que uma sílaba, como *festa* e *arroz* , os monossílabos tônicos se sobressaem como os maiores favorecedores do fenômeno em diversos trabalhos (LEITE, CALLOU e MORAES, 2003; TASCA, 2005; HAUPT, 2008). Por conta dessas evidências, optamos pela limitação da nossa análise aos contextos dos monossílabos tônicos.

Além da extensão e da tonicidade, variáveis ligadas ao contexto fonético, como o tipo de vogal núcleo e a forma de realização de /S/, constituem condicionamentos significativos para a ditongação antes da coda /S/. Diversos estudos mostram que as vogais médias [e] e [ɛ] e a vogal baixa [a] são as maiores favorecedoras da ditongação, ao passo que as vogais posteriores tendem a desfavorecer a inserção da semivogal (LEIRIA, 2000; LEITE, CALLOU e MORAES, 2003; TASCA, 2005; HAUPT, 2008; MOTA E SILVA, 2018).

No que se refere à coda, há menor consenso entre os trabalhos. Leiria (op. cit) mostrou que as alveolares eram mais favoráveis à aplicação da regra de ditongação, o que é confirmado por Haupt (op. Cit.). Ambos os trabalhos são voltados para a região Sul do país. Por outro lado, o trabalho de Leite, Callou e Moraes (op. cit) mostrou que, na variedade carioca, a ditongação é favorecida principalmente pelas fricativas alveo- palatais.

Além disso, alguns trabalhos identificam também o efeito significativo do status morfêmico da coda e da ocorrência ou não de sândi externo. A ditongação é favorecida no caso de a coda /S/ estar ligada à raiz da palavra e haver sândi externo (LEIRIA, 2000; TASCA, 2005; HAUPT, 2008).

Um outro aspecto a destacar é a maior recorrência de ditongação em alguns itens lexicais do que em outros com contexto idêntico ou similar. Este aspecto é enfatizado por Tasca (2005) que concentrou sua análise nos monossílabos, em especial nos itens *mas* , *três* , *nós* , *vez* e *dez* . A autora optou por uma análise separada de cada um desses itens lexicais, pois encontrou resultados que apontavam para o favorecimento da ditongação em alguns itens lexicais em relação a outros. Os itens lexicais *mas* e *três* são os mais ditongados nas quatro cidades analisadas pela autora. Seus resultados apontaram para uma hipótese de interpretação do fenômeno em termos de difusão lexical e concentrado mais especificamente na fala de alguns indivíduos. De acordo com a autora:

De qualquer modo, ainda que os resultados nos levem a afirmar que a variação e a mudança estão sendo implementadas por difusão lexical,

serão necessárias investigações mais refinadas para que possamos dizer, com mais segurança, as razões da implementação da mudança a partir de determinados itens, em detrimento de outros que exibem o mesmo contexto fonético. (TASCA, 2005, p.160).

A importância do fator item lexical no espriamento da ditongação é salientada também por Haupt (op. cit, p. 13).

Além da interferência das variáveis segmentais/linguísticas e do item lexical, a correlação do fenômeno com variáveis sociais como idade, gênero e escolaridade também tem sido investigada para a análise da direcionalidade do processo de ditongação diante da coda /S/, ou seja, trata-se de variação estável ou um processo de mudança em curso de implementação. Todavia, as evidências para o efeito das variáveis sociais nem sempre são convergentes. Em alguns trabalhos as variáveis sociais não foram selecionadas numa análise multivariacional, apresentando pesos relativos muito próximos. Em outros estudos elas mostraram exercer forte influência, condicionando positiva ou negativamente o fenômeno.

Zibetti e Margotti (2015) constataam um predomínio da variante ditongada na fala de indivíduos mais jovens e de baixa escolaridade. No estudo de Leiria (2000), a variável escolaridade apontou predominância da ditongação na fala de indivíduos com ginásio. Já a variável sexo/gênero foi considerada estatisticamente irrelevante para a ditongação. Por outro lado, no estudo de Tasca (2005), essa variável é selecionada tanto numa rodada com todos os dados, como numa rodada da qual foi excluído o item lexical *mas*. A análise aponta que os homens ditongam mais do que as mulheres. No entanto, a variável escolaridade não foi selecionada a princípio. Apenas quando o item *mas* foi excluído na segunda rodada, a variável escolaridade mostrou-se a de maior relevância, indicando os indivíduos com menor grau de escolaridade (nível primário) ditongando mais. A autora ainda mostrou que a faixa etária mais nova (entre 26 e 39 anos) se destaca com maior índice de ditongação quando considerado todos os dados. Na rodada sem o item *mas*, não se repetiu o padrão para a variável faixa etária. Haupt (2008), apesar de ter constatado pouca influência de fatores sociais para o fenômeno na fala dos Florianopolitanos, também atesta o efeito da variável escolaridade, com falantes menos escolarizados ditongando mais.

Leite, Callou e Moraes (2003) e Callou (2009) buscaram depreender a direcionalidade da inserção da semivogal na fala dos cariocas através de um estudo em tempo real de curta duração, utilizando dados do projeto NURC-RJ, voltado para a fala de indivíduos com nível universitário. Os autores comparam amostras de fala gravadas nas décadas de 70 e de 90, com falantes de diferentes faixas etárias, homens e mulheres. Os resultados obtidos mostram indícios

de que a direcionalidade do fenômeno depende da extensão do item lexical. Os autores atestam uma regressão do fenômeno quando considerada a totalidade dos dados, ou seja, incluindo as palavras com mais de duas sílabas. Quando considerados apenas os monossílabos, há, pelo contrário, uma configuração indicativa de implementação da ditongação na cidade do Rio de Janeiro. Constatam, no entanto, uma diferença na trajetória do fenômeno entre homens e mulheres de diferentes faixas etárias. Segundo os autores, os resultados apontaram para instabilidade na década de 70, com indicativo de mudança com homens no sentido de regressão e mulheres no sentido de implementação. Já na década de 90, o que se atesta é uma configuração de variação estável com o ápice da aplicação da regra na faixa intermediária (LEITE, CALLOU, MORAES, op. cit.) tanto entre os homens quanto entre as mulheres.

Mais recentemente, a formação de um ditongo antes da coda /S/ tem sido objeto de análise através dos recursos possibilitados pela Fonética Acústica. É o caso do trabalho de Uliano et al (2014) sob o falar de Blumenau e Porto Alegre. Dado o objetivo de identificar as diferenças acústicas da realização ou não realização da ditongação, a metodologia do trabalho contou com a gravação de apenas três indivíduos: um de Blumenau e outros dois de Porto Alegre. As análises mostraram gradação com a presença da semivogal em alguns casos, ausência em outros e ainda uma terceira produção intermediária, considerada um caso de gradiência pelos autores. Ainda que orientada por uma metodologia e interesses teóricos voltados para a produção fonética-acústica, a análise dos autores mostrou resultados muito similares aos demais estudos no que tange às vogais [a] e [e] favorecendo a ditongação.

Mota e Silva (2018) também realizaram um trabalho voltado para as características acústico-articulatórias das vogais antes de /S/ com base no corpus fornecido pelo ALiB. As autoras analisam a fala de informantes mulheres de cinco cidades baianas, averiguando as produções dos itens lexicais: *luz*, *arroz*, *vez*, *três*, *voz* e *paz*. O trabalho também confirmou que as vogais médias e baixas são as mais favorecedoras da inserção da semivogal [j] antes da coda /S/. O efeito positivo das vogais mais abertas sobre a ditongação é confirmado, ainda, por Silva (2018) que associa métodos da Dialectologia e da Sociolinguística ao instrumental da Fonética Acústica.

4 AMOSTRA E METODOLOGIA

No início dos anos 80, foi organizada uma amostra da comunidade do Rio de Janeiro, constituída de entrevistas sociolinguísticas fornecidas por 64 falantes e que ficou conhecida como Amostra Censo 80. Essa amostra é estratificada de acordo com as seguintes variáveis: indivíduos do sexo feminino e masculino; 4 faixas etárias de (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima dos 50 anos) e três segmentos escolares (fundamental 1, 2 e Ensino Médio), excluindo-se os extremos de analfabetos e universitários. A intenção desta amostra era a de analisar e identificar possíveis processos de mudança em curso na comunidade de fala carioca. (OLIVEIRA e SILVA e SCHERRE, 1996; PAIVA e DUARTE, 2003).

A amostra realizada em 80 serviu de base para a composição de uma nova amostra com 32 falantes, cerca de 20 anos depois, conhecida como Amostra Censo 2000. Foram mantidos os mesmos critérios de distribuição da amostra anterior, permitindo assim uma análise em tempo real da variedade falada na cidade do Rio de Janeiro.

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotamos a metodologia própria de um estudo do tipo tendência, comparando a variação no processo de ditongação dos monossílabos tônicos em duas amostras estratificadas da comunidade de fala carioca separadas por um intervalo de, aproximadamente, 20 anos (LABOV, 1994). Utilizamos 32 das entrevistas sociolinguísticas realizadas pelo grupo Peul nos anos 80 (Amostra Censo 80) e nos anos 2000 (Amostra Censo 2000) selecionadas de forma a manter um equilíbrio de acordo com as variáveis gênero, idade e escolaridade, a fim de verificar o efeito dessas variáveis extralinguísticas na ditongação dos monossílabos tônicos. Foram, então, selecionados 16 falantes de cada uma dessas amostras. A relação de indivíduos por amostra pode ser vista nos quadros 2 e 3, a seguir.

Quadro 2 - Relação dos falantes Amostra Censo 1980

FALANTE	GÊNERO	ESCOLARIDADE	IDADE
Ca02	Homem	Fundamental 1	16 anos
Seb09	Homem	Fundamental 1	39 anos
Jo10	Mulher	Fundamental 1	27 anos
Lou16	Mulher	Fundamental 1	56 anos
Val24	Mulher	Fundamental 2	15 anos
Pit37	Homem	Ensino Médio	25 anos
Ac40	Mulher	Ensino Médio	19 anos
Pab41	Homem	Ensino Médio	26 anos
Eve43	Mulher	Ensino Médio	42 anos
Wil45	Homem	Ensino Médio	51 anos
Car46	Homem	Fundamental 2	62 anos
Mgl48	Mulher	Ensino Médio	52 anos
Mar51	Homem	Fundamenta 1	25 anos
Ros52	Mulher	Fundamental 1	10 anos
Clo53	Homem	Fundamental 2	11 anos
Adr63	Mulher	Fundamental 2	11 anos

Quadro 3 - Relação dos falantes Amostra Censo 2000

FALANTE	GÊNERO	ESCOLARIDADE	IDADE
Car01	Mulher	Fundamental 1	09 anos
Raf02	Homem	Fundamental 2	14 anos
Rom03	Homem	Fundamental 2	14 anos
Ro04	Mulher	Fundamental 2	14 anos
And05	Homem	Fundamental 1	21 anos
Chr08	Mulher	Fundamental 1	25 anos
Mi11	Mulher	Fundamental 2	15 anos
Gla13	Homem	Ensino Médio	21 anos
Rei20	Homem	Fundamental 1	47 anos
Cri22	Mulher	Fundamental 2	34 anos
Fla23	Homem	Ensino Médio	26 anos
Adr24	Mulher	Ensino Médio	36 anos
Jo25	Homem	Fundamental 1	68 anos
Mar30	Mulher	Fundamental 2	61 anos
Tad31	Homem	Ensino Médio	50 anos
Eu32	Mulher	Ensino Médio	55 anos

Numa primeira etapa, procedemos com o levantamento de todos os itens lexicais que ofereciam contexto para o fenômeno em análise: ou seja, palavras com uma sílaba travada pelo arquifonema /S/. No entanto, restringimos este estudo aos monossílabos tônicos que, como já mostramos no capítulo 3, constituem o contexto preferencial para a ditongação antes de /S/. Obtivemos um número relativamente próximo de dados nas duas amostras, com um total de 1818 monossílabos na amostra 80 e um total de 1471 monossílabos na amostra 2000.

Ouvimos as gravações das 32 entrevistas e os itens lexicais de interesse foram submetidos a sucessivas audições por mim e pelo orientador deste trabalho, a fim de identificar a ocorrência ou não da semivogal. Como as entrevistas sociolinguísticas buscam criar uma situação o mais próxima possível de uma comunicação espontânea, é inevitável a ocorrência de ruídos e outras interferências externas que podem dificultar a análise de fenômenos fonéticos variáveis. Considerando essas condições, os dados em que a fala do entrevistado e do entrevistador superpõe-se e também os itens sobre os quais não foi possível chegar a um consenso foram descartados na análise final. Uma vez selecionados, os dados de cada falante, separadamente, foram analisados de acordo com um conjunto de grupos de fatores que, por hipótese, podem favorecer ou desfavorecer a ditongação.

Partindo do princípio de que a ditongação nos monossílabos tônicos é motivada por fatores linguísticos, sociais e lexicais, os dados foram analisados de acordo com as seguintes variáveis independentes.

- 1) Tipo de vogal núcleo;
- 2) Realização da consoante em coda;
- 3) Sexo/Gênero;
- 4) Grau de escolaridade;
- 5) Faixa etária.

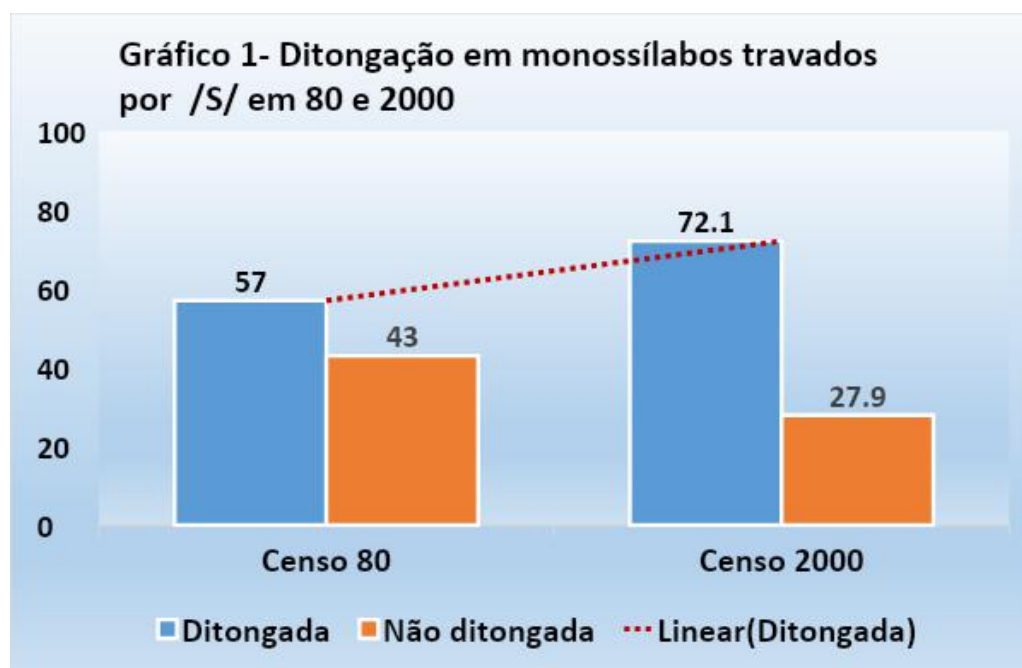
Além dessas variáveis estratificadas, controlamos também as variáveis aleatórias item lexical e indivíduo. A análise multivariacional para identificar as variáveis de efeito fixo mais relevantes para a ocorrência da ditongação antes de /S/, em cada uma das sincronias, foi realizada através do programa Goldvarb X (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001) e o programa Rbrul (JOHNSON, 2009) foi utilizado para a verificação do efeito das variáveis aleatórias.

Nossa expectativa é a de aumento da ditongação no período de tempo que separa as duas amostras. Uma outra hipótese que norteia este trabalho é a de que o fenômeno da ditongação antes de coda /S/ sofre considerável influência do item lexical, hipótese já levantada por Tasca

(2005) acerca do mesmo fenômeno em comunidades étnicas no Rio Grande do Sul. Além disso, acreditamos que as fricativas alveo-palatais e as vogais médias anteriores sejam condicionadores significativos do fenômeno. Partindo da hipótese de que a ditongação é um processo de mudança em curso, acreditamos que ela predomine na fala dos cariocas mais jovens (faixas 1 e 2). No próximo capítulo discutiremos a validade dessas hipóteses a partir dos resultados obtidos na análise multivariacional.

5 A TRAJETÓRIA DA DITONGAÇÃO NA VARIEDADE CARIOCA

Nossa análise da totalidade da ditongação nos itens lexicais monossilábicos travados por /S/ revelou que, dos 1818 dados levantados na amostra 80, 1037 apresentaram ditongação, o que corresponde a 57% das ocorrências. Quanto à sincronia 2000, os resultados apontaram que 1061 das 1471 ocorrências foram ditongadas, o equivalente a 72,1%, como mostra o gráfico 1.



Como podemos constatar, a ditongação de monossílabos tônicos aumentou 15 pontos percentuais no intervalo de, aproximadamente, 20 anos. Este aumento considerável poderia sinalizar que estamos diante da implementação de uma mudança linguística, possibilidade já assinalada por Leite, Callou e Moraes (2003), a partir do estudo da fala de indivíduos com nível universitário.

Nas seções seguintes, passamos à discussão das variáveis independentes que se mostraram mais significativas para o fenômeno da ditongação, considerando os resultados da análise multivariacional.

5.1- AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.

A realização fonética da coda foi selecionada nas duas sincronias, mostrando-se um fator relevante para o fenômeno. Os resultados para esta variável podem ser vistos na tabela 2:

Tabela 2- Ditongação de acordo com a realização da coda /S/

Consoante	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[ʃ]	328/455= 72,1%	0.65	380/435 = 87,4%	0.71
[s]	82/158 = 51,9%	0.42	96/142 = 67,6%	0.40
[z]	474/795 = 59,6%	0.47	471/646 = 72,9%	0.42
[ʒ]	70/82 = 85,4%	0.76	85/99 = 85,9%	0.57
Apagada	83/223 = 37,2%	0.25	29/92 = 31,5%	0.13
[h]	0/105 = 0%	-	0/57 = 0%	-
	Input- 0.60	Sig 0,000	Input = 0,80	Sig 0.000

De acordo com o esperado e confirmando os resultados de Leite, Callou e Moraes (2003), nas duas sincronias, a ditongação é predominante em contextos nos quais a realização da coda é uma fricativa alveo-palatal, surda ou sonora. Ainda assim, observa-se uma certa alternância no valor do peso relativo exibido pelas consoantes fricativas [ʃ] e [ʒ]: a alveo-palatal sonora aparece na amostra 80 com peso relativo de 0,76 contra 0,65 da alveo-palatal surda. Já, quando olhamos para a sincronia 2000, a situação se inverte: a variante surda destaca-se com o maior valor de peso relativo, 0,71, e a variante sonora com 0,57.

As alveolares apresentaram pesos bastante próximos entre si nas duas sincronias (0,42 e 0,40 para a alveolar surda [s] e 0,47 e 0,42 para a alveolar sonora [z]), ambas desfavorecendo a inserção da semivogal nos monossílabos tônicos.

Constatamos ainda que a variante aspirada aparece como bloqueadora do fenômeno. Quanto à variante apagada, ocorrências ditongadas, como em *mai* e *fai* são encontradas em ambas as amostras, embora claramente desfavoreçam a ditongação antes de /S/, com pesos relativos de 0.25 e 0.13 nas amostras Censo 80 e Censo 2000, respectivamente.

A outra variável linguística analisada, o tipo de vogal núcleo, embora não tenha sido selecionada na amostra 80, foi selecionada na amostra 2000. Como mostram os resultados da tabela 3, confirma-se nossa expectativa sobre o efeito das vogais mais abertas.

Tabela 3 - Ditongação por tipo de vogal núcleo³

Vogal	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[ɛ]	43/51 = 84,3%	0.75	52/53 = 98,1%	0.84
[e]	225/390 = 57,7%	0.48	212/262 = 80,9%	0.71
[a]	675/1127 = 59,9%	0.53	731/1064 = 68,7%	0.40
[o]	-	-	-	-
[ɔ]	86/242 = 35,5%	0.29	62/88 = 70,5%	0.74
[u]	8/8 = 100%	-	4/4 = 100%	-
		Sig. = 0,000		Sig.= 0,000

Os resultados apontam para a relevância do tipo de vogal núcleo da sílaba nas duas sincronias, com índices consideravelmente maiores (0.75 e 0. 84) para a vogal média anterior aberta [ɛ].

Um ponto que chamou a nossa atenção foi o comportamento irregular da vogal posterior média aberta [ɔ]. Como podemos perceber, esta vogal apresentou peso relativo bastante baixo na primeira sincronia (0,29) e sofreu um aumento expressivo em 2000 (0,74), com valores maiores até mesmo do que os da média anterior fechada [e] e da vogal baixa [a], o que contraria fortemente nossas hipóteses iniciais.

Porém, alguns pontos merecem atenção especial ao analisarmos os resultados para tipo de vogal, pois há uma superposição parcial entre essa variável e a variável item lexical, o que não podemos desconsiderar, ainda que uma análise realizada com o Rbrul tenha confirmado a relevância tanto da vogal núcleo como do item lexical. Portanto, certa cautela é necessária na

³ Como a variável vogal núcleo só foi selecionada pelo programa na rodada com todos os fatores em 2000, os pesos relativos da Amostra 80 foram retirados da primeira rodada do *step down*.

comparação dos resultados desses fatores condicionantes. Sendo assim, resolvemos executar uma rodada desconsiderando a variável item lexical, o que nos levou aos seguintes resultados:

Tabela 4 – Tipo de vogal núcleo sem o grupo item lexical

Vogal	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
[ɛ]	43/51 = 84,3%	0.79	52/53 = 98,1%	0.96
[e]	225/390 = 57,7%	0.47	212/262 = 80,9%	0.61
[a]	675/1127 = 59,9%	0.54	731/1064 = 68,7%	0.44
[o]	-	-	-	-
[ɔ]	86/242 = 35,5%	0.26	62/88 = 70,5%	0.39
[u]	8/8 = 100%	-	4/4 = 100%	-
		Sig = 0,000		Sig = 0,000

Os resultados da tabela 4 confirmam nossas expectativas e conclusões de trabalhos anteriores. Nesta rodada, a vogal média posterior aberta [ɔ] aparece com pesos relativos desfavoráveis à ditongação e os valores permanecem regularmente baixos em ambas as amostras: 0,26 na amostra 80 e 0,39 na amostra 2000. Contudo, os altos índices de frequência podem suscitar dúvidas. Novamente ressaltamos a importância de se considerar esses resultados levando em conta a variável item lexical, o que será retomado na seção seguinte.

É possível notar uma inversão entre os valores das vogais [e] e [a]: a primeira tem frequência de 57,7% e pesos de 0,47 e a segunda tem frequência de 59,9% e peso de 0,54, na Amostra Censo 80. Em 2000, a situação se inverte: A vogal [e] passa a uma frequência de 80,9% e peso relativo de 0,61 contra frequência de 68,7% e peso de 0,44 para a vogal baixa [a] que, apesar de ter o peso relativo menor em comparação ao da vogal anterior média, está associada a uma frequência alta de ditongação.

Mais uma importante ressalva diz respeito à vogal [u]. Como diversos trabalhos já mostraram (cf. LEIRIA, 2000; TASCA, 2005) a vogal posterior alta é desfavorecedora da ditongação antes de /S/ em coda. Curiosamente, no nosso trabalho, ela aparece com ditongação categórica em ambas as amostras. Mas como veremos na seção seguinte, esse resultado está relacionado ao item lexical ao qual essa vogal está associada. Além disso, há apenas 8 ocorrências de monossílabo com a vogal núcleo [u] na amostra 80 e apenas 4 na amostra 2000.

5.2- A VARIÁVEL ITEM LEXICAL

Como apontado, na seção anterior, os grupos de fatores vogal núcleo e item lexical se superpõem, pelo menos parcialmente. Nos itens analisados, o monossílabo *dez* é a única palavra associada à vogal média aberta anterior [ɛ] em ambas as amostras e o item *luz* foi a única ocorrência ligada à vogal alta [u] na amostra 80. É importante considerar também que há um número limitado de itens lexicais nas amostras como um todo, o que, de certa forma, impõe certa cautela na interpretação dos resultados.

A variável item lexical mostrou-se significativa para a ditongação e foi uma das primeiras selecionadas em ambas as amostras, tanto na rodada do Goldvarb, como mostra a tabela 5, como numa rodada do Rbrul.

Tabela 5 – Ditongação por item lexical

ITEM	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Dez	43/51 = 84,3%	0.79	52/53 = 98,1%	0.82
Três	98/126 = 77,8%	0.71	69/72 = 95,8%	0.73
Mês	16/26 = 61,5%	0.48	12/12 = 100%	-
Voz	7/11 = 63,6%	0.57	10/10 = 100%	-
Nós	79/231 = 34,2%	0.24	52/77 = 67,5%	0.12
Fez	44/73 = 60,3%	0.56	48/59 = 81,4%	0.37
Faz	116/177 = 65,5%	0.57	126/161 = 78,3%	0.68
Mas	539/922 = 58,5%	0.53	587/882 = 66,6%	0.50
Vez	67/165 = 40,6%	0.28	83/119 = 69,7%	0.27
trás ⁴	18/20 = 90%	0.86	11/14 = 78,6%	0.67
Paz	2/5 = 40%	0.15	4/4 = 100%	-
Luz	8/8 = 100%	-	3/3 = 100%	-
Gás	0/3 = 0%	-	2/2 = 100%	-
Brás	-		1/1 = 100%	-

⁴ As formas *traz* (verbo) e *trás* (preposição) foram agrupadas na mesma categoria de item lexical devido à sua homofonia.

Pós	-		0/1 = 0%	-
Cruz	-	-	1/1 = 100%	-

É possível constatar dois aspectos a partir da comparação entre as duas sincronias. O primeiro deles é a trajetória dos itens lexicais que revelou um aumento na frequência da ditongação de praticamente todos os monossílabos atestados nas duas amostras. Como podemos constatar, esse aumento não é homogêneo e alguns itens lexicais aparecem claramente liderando a ditongação. No entanto, quando consideramos os pesos relativos, identificam-se três direções na trajetória dos itens lexicais no período de tempo considerado: estabilidade, diminuição e aumento do peso relativo. Os itens lexicais que se mantiveram estáveis, com valores de peso relativo muito próximos nas duas sincronias, foram *dez*, *três* e *mas* e *vez*. Por sua vez, os itens *nós*, *fez*, *trás* reduziram seus pesos relativos em 2000 e o item *faz* sofreu um aumento no valor do seu peso relativo.

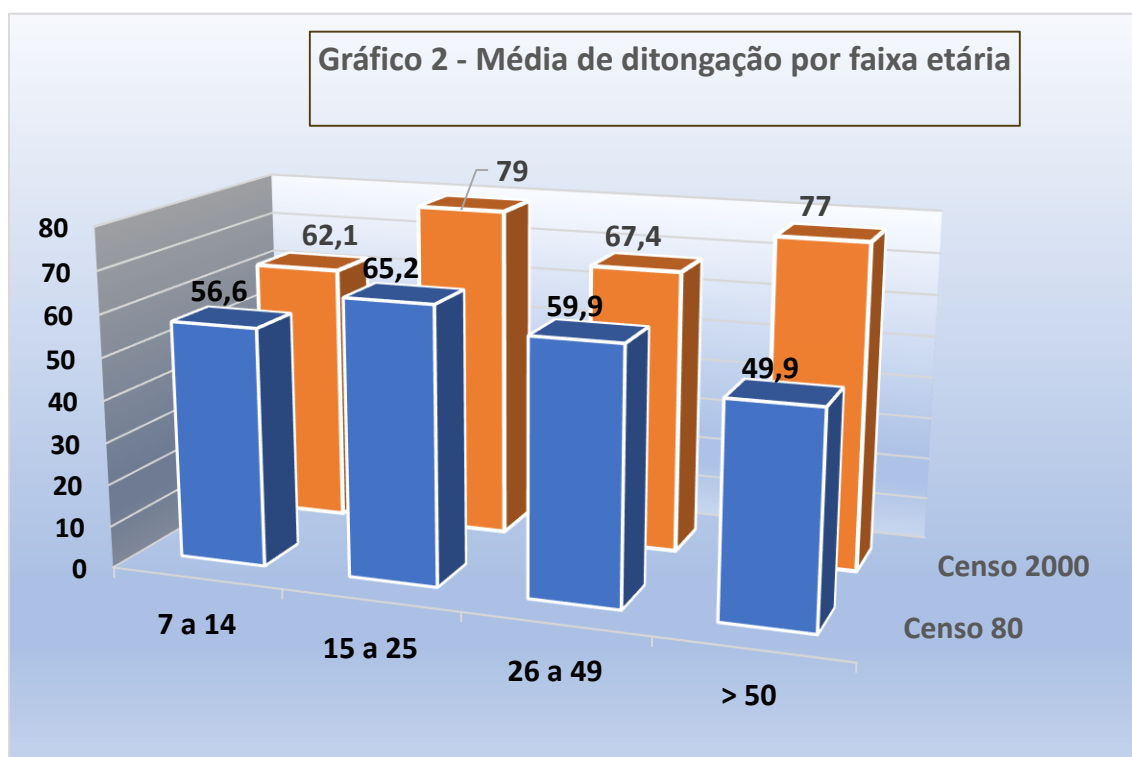
Além dessas três possibilidades, merece destaque o fato de que, no intervalo considerado, alguns itens passaram a ser categoricamente ditongados, como é o caso de *mês*, *voz*, *paz* e *gás*. Chama especial atenção o caso de *gás*, que foi de 0% de ditongação na amostra 80 a 100% na amostra 2000.

Um outro aspecto relevante na tabela 5 diz respeito à possível expansão do processo para outros itens lexicais ao longo do intervalo de tempo considerado. Pode-se constatar o aparecimento de um maior número de itens lexicais ditongados na amostra 2000, como é o caso de *Brás* e *cruz*. O último é particularmente interessante pois constitui um contexto normalmente desfavorecedor da ditongação que são as vogais altas.

Dado o comportamento diferenciado dos itens lexicais que, por vezes, compartilham o mesmo tipo de vogal núcleo, encontramos reforço para a hipótese já levantada por Tasca (2005) sobre a influência do item lexical para o espraçamento da ditongação antes de /S/. Como já destacado no capítulo 3, a hipótese da autora é a de que se trata de uma mudança por difusão lexical (Ver também Haupt, 2008). Acreditamos que, de certa forma, os resultados encontrados neste estudo apontam para essa interpretação. Tomemos como exemplo, os itens lexicais *três* e *fez*. Enquanto o primeiro apresenta índices de peso relativo bastante altos, o segundo mostra diminuição no valor do peso relativo. Contudo, é necessário considerar não apenas os valores dos pesos relativos e as frequências de ocorrência de cada item lexical, mas também sua frequência total na amostra, já que alguns itens são muito mais recorrentes do que outros.

5. 3- AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Diferentemente do que se esperava, as primeiras rodadas com todos os fatores mostraram indicações de que a implementação da ditongação no período considerado independe das variáveis sociais escolaridade e gênero. Apenas a variável faixa etária era selecionada e, ainda assim, somente na amostra 2000. O gráfico 2 mostra o aumento da frequência da ditongação de monossílabos no período observado, de acordo com a faixa etária.



Embora a princípio não tenha sido selecionada na sincronia 80, a variável faixa etária fornece evidências interessantes a respeito da implementação da ditongação de monossílabos, pois, como pode-se notar, foi observado um aumento regular da ditongação em todas as faixas etárias, com especial destaque para a faixa 2, formada por indivíduos de 15 a 25 anos, e a faixa 4, constituída de indivíduos acima de 50 anos. Apesar dos indivíduos da faixa 2 aparecerem como líderes da mudança, cerca de 79% dos indivíduos dessa faixa estão ditongando os monossílabos, a interpretação do fenômeno sob uma ótica de mudança geracional acaba comprometida pelo aumento expressivo do fenômeno na faixa 4. Podemos notar um aumento de mais de 20 pontos percentuais, deixando de ser a faixa com menor índice na sincronia 80 para uma das mais altas na sincronia 2000. Por outro lado, na faixa etária de 07 a 14 anos

verifica-se o menor aumento de frequência, de 56,6% para 62,1%, isto é, um aumento de apenas 5,5 pontos percentuais. Tais resultados contrariam uma expectativa de mudança geracional.

As ponderações feitas sobre a interação entre tipo de vogal e item lexical aplicam-se à interação entre as variáveis sociais e a variável aleatória indivíduo, pois um indivíduo nada mais é do que uma célula, um complexo que agrupa as variáveis sociais. Resolvemos, assim, proceder a uma análise desconsiderando a variável indivíduo.

Nessa rodada a variável idade foi selecionada em ambas as amostras, corroborando a nossa hipótese de que a ditongação de monossílabos constitui um processo de mudança em curso na variedade carioca (Ver também Leite, Callou e Moraes, 2003). Diferentemente do esperado, a significância das demais variáveis distingue-se de uma sincronia para a outra: a variável escolaridade aparece selecionada pelo programa na primeira sincronia (amostra 80) quando desconsiderada a variável aleatória indivíduo. Por outro lado, na amostra 2000, destaca-se a variável sexo/gênero. As tabelas 6 e 7 mostram os valores apresentados pelos fatores condicionantes em cada sincronia.:

Tabela 6 - Ditongação de acordo com nível de escolaridade sem o grupo indivíduo⁵

Grau de escolaridade	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Fundamental 1	372/669 = 55,6%	0.45	377/526 = 71,7%	0.48
Fundamental 2	257/491 = 52,3%	0.46	282/391 = 72,1%	0.56
Ensino Médio	408/658 = 62%	0.57	402/554 = 72,6%	0.47

Tabela 7 - Ditongação por gênero/sexo do falante sem o grupo indivíduo⁶

Sexo/Gênero	AMOSTRA CENSO 80		AMOSTRA CENSO 2000	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
Feminino	535/936 = 57,2%	0.50	569/806 = 70,6%	0.45
Masculino	502/882 = 56,9%	0.49	492/665 = 74,0%	0.55

⁵ Como EM 80, a variável escolaridade só foi selecionada na rodada sem o indivíduo, os pesos relativos da amostra 2000 foram retirados da primeira rodada do *step down*.

⁶ Como a variável gênero/sexo do falante só foi selecionada pelo programa na rodada sem o indivíduo em 2000, os pesos relativos da amostra 80 foram retirados da primeira rodada do *step down*.

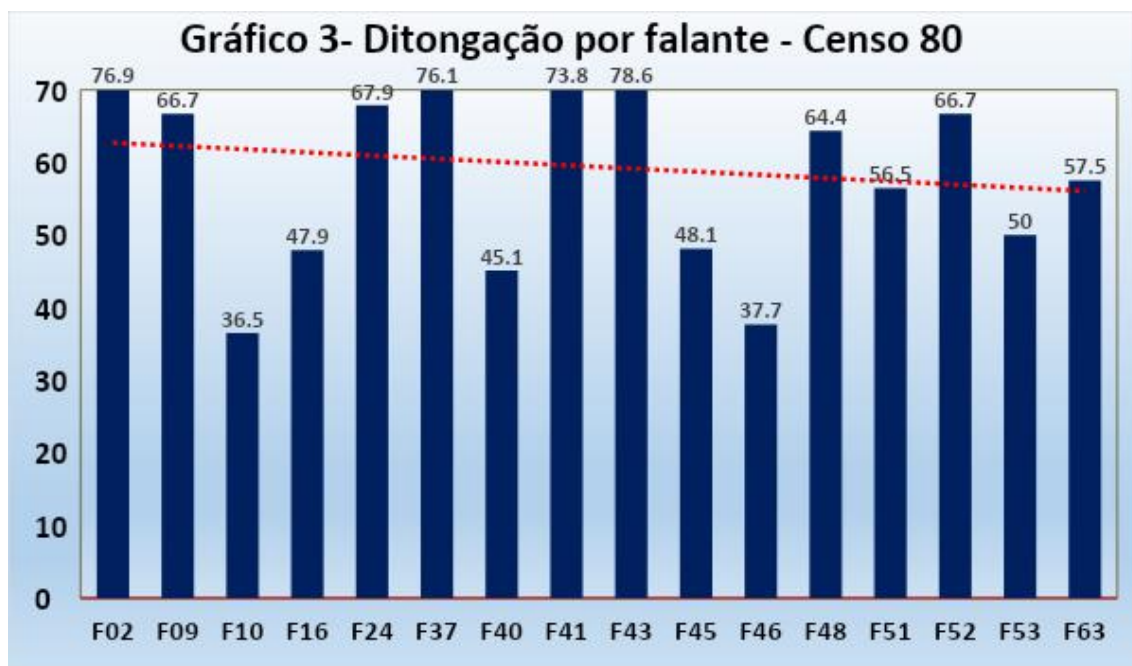
De acordo com a tabela 6, em 80, o maior peso relativo para a ditongação está associado aos falantes com Ensino Médio, opondo-se aos falantes com fundamental 1 e 2, o que contraria a hipótese de que a inserção da semivogal antes de /S/ é predominante na fala dos indivíduos menos escolarizados, como verificado por Tasca (2005) e Zibetti e Margotti (2015), com base em outras variedades regionais. Todavia, em 2000, os valores de frequência para os três grupos, bastante altos, são muito próximos, indicando que, na cidade do Rio de Janeiro, a ditongação se espalha por todos os níveis de escolaridade.

Apesar de selecionados na segunda sincronia, os resultados para a variável gênero/sexo são pouco transparentes, visto que as frequências são quase idênticas, com valores muito próximos à média. Ainda assim, os pesos relativos, que apresentam uma distância de 10 pontos, apontam os falantes do sexo masculino como mais favorecedores da ditongação do que as mulheres, o que é confirmado por TASCA (2005). No entanto, trabalhos anteriores como o de Leiria (2000) Haupt (2008) e Sanches e Pereira (2020) não chegaram a resultados conclusivos para a variável gênero.

A pouca regularidade no efeito das variáveis sociais sexo/gênero e escolaridade é um aspecto que merece tratamento mais apurado. O que se aplica também à variável idade/faixa etária. Além disso, é necessário considerar que a, ao que tudo indica, a variável indivíduo tem um efeito mais significativo, como mostraremos na seção seguinte.

5. 4- A VARIÁVEL INDIVÍDUO

A variável indivíduo se mostrou um importante tópico de discussão para este trabalho. Como observado também para a variável item lexical, a relevância da variável indivíduo foi constatada tanto nos resultados obtidos através do Goldvarb como também através do Rbrul. Vejamos o gráfico 3, que mostra o índice de ditongação por indivíduo na Amostra Censo 80.



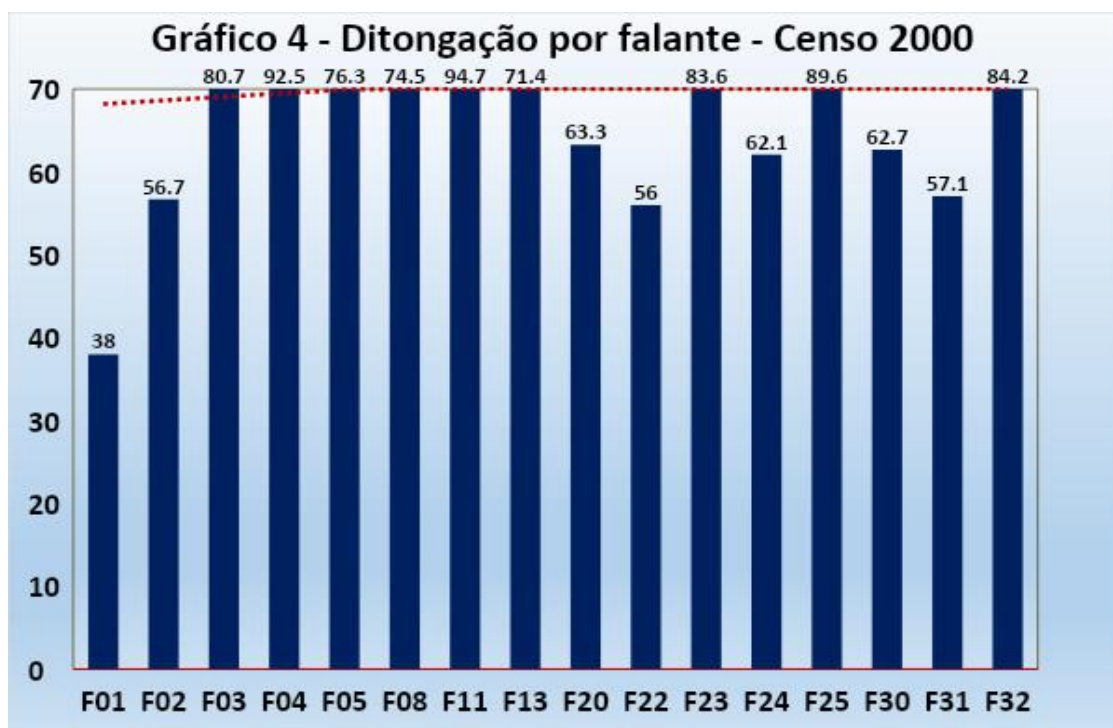
O gráfico 3 deixa clara a diferença nos índices de ditongação por falante. A curva de tendência mostra que quase a metade da amostra encontrava-se, na década de 80, ainda em estágio de ditongação variável (F-16, F-40, F-45, F-51, F-53, F-63). Apenas os falantes F-10 e F-46 claramente desfavorecem o fenômeno. A outra metade dos indivíduos (F-02, F-09, F-24, F-37, F-41, F-43, F-48, F-52) apresenta resultados relativamente altos para o fenômeno, superiores a 60% - com o maior índice em torno de 78,6%, relativo ao falante F-43. No entanto, nenhum falante apresentou frequência superior a 80%.

Motivados pelo interesse no perfil dos indivíduos que apresentaram frequência de ditongação maior do que a média por período, fizemos um levantamento mais detalhado de suas características, lembrando que a média de ditongação na amostra Censo 80 foi de 57%. O quadro 4, a seguir, resume os perfis desses falantes.

Quadro 4 - Relação dos falantes com frequência de ditongação superior a 57%

AMOSTRA CENSO 80				
Falante	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro
Ca02	Homem	fundamental 1	16 anos	Camorim
Seb09	Homem	fundamental 1	39 anos	Anchieta
Val24	Mulher	fundamental 2	15 anos	Tanque
Pit37	Homem	Ensino Médio	25 anos	Leblon
Pab41	Homem	Ensino Médio	26 anos	Cidade de Deus
Eve43	Mulher	Ensino Médio	42 anos	Freguesia
Mgl48	Mulher	Ensino Médio	52 anos	Santa Teresa
Ros52	Mulher	fundamental 1	10 anos	Realengo
Adr63	Mulher	Fundamental 2	11 anos	Pechincha

Embora o quadro 4 não apresente regularidade quanto às variáveis sociais (gênero, escolaridade, idade), nota-se que 6 dos 9 falantes têm frequência de ditongação superior a 57% e são provenientes de bairros da Zona Oeste do Rio de Janeiro (Camorim, Tanque, Cidade de Deus, Freguesia, Realengo e Pechincha). A configuração para os falantes que compõem a Amostra Censo 2000 é bastante distinta, como se pode ver no gráfico 4.



De acordo com o gráfico 4, a linha de tendência é significativamente mais alta na sincronia 2000, o que indica que os falantes estão ditongando mais em comparação com os da primeira sincronia. Diferentemente da Amostra 80, em que nenhum falante apresentou frequência superior a 80%, na sincronia 2000, 6 falantes (F-03, F-04, F-11, F-23, F-25 e F-32) apresentaram frequências superiores a 80%, ou seja, valores quase categóricos.

Apenas três falantes apresentam índices compatíveis com um largo espectro de variação, próximos de 50% (-F-02, F-22 e F-31), e somente um falante (F-01) desfavorece efetivamente a ditongação (38%). Adotando o mesmo procedimento usado na amostra de 80, fizemos um levantamento do perfil dos indivíduos que apresentaram frequência de ditongação maior do que a média do período, lembrando que a média, nesse caso, foi de 72,1%. O perfil desses falantes é resumido no quadro 5.

Quadro 5 - Relação dos falantes com frequência de ditongação superior a 72,1%:

AMOSTRA CENSO 2000				
Falante	Sexo	Escolaridade	Idade	Bairro
Rom03	Homem	Fundamental 2	14 anos	Sepetiba
Ro04	Mulher	Fundamental 2	14 anos	Camorim
And05	Homem	Fundamental 1	21 anos	Pechincha
Chr08	Mulher	Fundamental 1	25 anos	Botafogo
Mi11	Mulher	Fundamental 2	15 anos	Santa Teresa
Fla23	Homem	Ensino Médio	26 anos	Ilha do Governador
Jo25	Homem	Fundamental 1	68 anos	Tijuca
Eu32	Mulher	Ensino Médio	55 anos	Barra

Quanto à variável gênero/sexo, percebe-se uma distribuição equilibrada dos indivíduos: 4 homens e 4 mulheres. Já para a variável escolaridade, apenas 2 falantes têm nível médio, os outros 6 alternam entre os níveis fundamental (1 e 2). Os falantes estão, em sua maioria, entre os 14 e 26 anos. Também em 2000, constata-se que 4 indivíduos residentes de bairros da Zona Oeste estão entre os falantes com frequência maior do que a média para 2000.

Um aspecto em comum entre os dois quadros foi a repetição de alguns bairros: Camorim, Pechincha e Santa Teresa. Constata-se também que os bairros onde residem os indivíduos que apresentaram frequência superior à média por período são, em sua maioria, da Zona Oeste do Rio de Janeiro. O que pode indicar difusão do fenômeno por região. Uma possível via de exploração para o fenômeno pode ser a consideração de região/bairro como uma

variável de efeito fixo.

Como podemos ver, a relevância da variável indivíduo para a implementação do fenômeno se destaca nas duas sincronias, mostrando que, apesar das frequências médias de inserção da semivogal antes de coda /S/, alguns indivíduos são líderes na mudança e podem dar pistas sobre a forma de espraio da ditonga de monossílabos na variedade carioca.

6 CONCLUSÕES

A principal hipótese que motivou este trabalho é a de que a inserção da semivogal antes de coda /S/ nos monossílabos tônicos na fala carioca configura um processo de mudança em curso. A análise realizada apresentou evidências favoráveis a essa hipótese, mostrando significativo aumento nos índices de ditongação dos monossílabos na comunidade carioca, no intervalo de tempo observado por este trabalho, cerca de 20 anos.

A análise multivariacional permitiu confirmar que a forma como a coda silábica é realizada e as propriedades da vogal núcleo motivam maior ou menor inserção da semivogal [j]. Destaca-se o efeito favorecedor das fricativas alveo-palatais, surdas e sonoras, que, neste estudo, se mostraram como o contexto favorecedor da ditongação antes de /S/. As alveolares e o contexto em que a coda não foi produzida desfavorecem efetivamente a inserção da semivogal. Constatamos, ainda, que o contexto de produção por uma fricativa glotal bloqueia o fenômeno. Quanto ao tipo de vogal, as anteriores média [ɛ] e [e] aparecem como favorecedoras, ao passo que a vogal [ɔ] desfavorece a ditongação e a vogal [a] apresenta valores que indicam muita variação.

Corroborando que não apenas variáveis estratificadas, como a realização da consoante em coda e o tipo de vogal núcleo de sílaba, estão correlacionadas ao fenômeno da ditongação antes de /S/, nosso trabalho confirmou a importância das variáveis aleatórias item lexical e indivíduo para a inserção da [j] antes de coda /S/. O fato de, neste trabalho, nos concentrarmos em monossílabos tônicos, acarretou uma superposição parcial entre o tipo de vogal núcleo e o item lexical, como é o caso da vogal média [ɛ] e da palavra *dez*. Portanto, dada essa superposição, os resultados produzidos por essas variáveis demandam uma análise cuidadosa e que leve em consideração a interação entre as duas variáveis.

A observação da trajetória dos itens lexicais revelou um aumento na frequência da ditongação em grande parte dos itens lexicais, com alguns desses itens passando à ditongação categórica na amostra 2000, como é o caso de *mês*. Além disso, pudemos atestar, na segunda sincronia considerada, a propagação da ditongação para outros itens lexicais, a exemplo de *cruz*. Essa expansão reforça a hipótese de Tasca (2005) de que a mudança que envolve a inserção da semivogal [j] nos monossílabos tônicos se propaga por difusão lexical.

A análise da variável idade mostrou, antes de mais nada, um aumento de frequência em todas as faixas etárias, com destaque para a 2ª faixa etária, que compreende indivíduos de 15 a 25 anos de idade, que se manteve com os maiores percentuais nas duas sincronias. Diferentemente do esperado, no entanto, é a faixa 4, que inclui indivíduos acima dos 50 anos,

que apresentou o maior aumento percentual no período observado, com uma diferença de 27,1 pontos percentuais de uma amostra para outra. Além disso, a faixa 1, contrariando as expectativas, é aquela em que se observa o menor índice de inserção da semivogal diante de /S/. O fato de as faixas 2 e 4 apresentarem os índices mais elevados de ditongação antes de /S/ dificulta uma interpretação do processo em termos de mudança geracional. Mesmo assim, foi possível depreender que, de modo geral, há indícios de implementação da ditongação nos monossílabos tônicos na variedade carioca.

Quanto às demais variáveis sociais analisadas neste trabalho, os resultados obtidos indicam correlações que não podem ser consideradas conclusivas, especialmente quanto ao efeito das variáveis gênero e escolaridade, impondo maior cautela na interpretação da contraparte social da ditongação de monossílabos. Como já destacamos, é importante levar em conta a interação dessas variáveis com a variável aleatória indivíduo, selecionada em todas as rodadas. No que se refere aos indivíduos, os resultados apontam um aumento significativo na curva de tendência na passagem de uma sincronia para outra. Há, portanto, indicações de que os indivíduos estão ditongando cada vez mais os monossílabos tônicos e que alguns deles lideram o processo de mudança.

A intenção deste trabalho não foi de modo algum esgotar o tema, mas contribuir para a compreensão do estágio atual da ditongação em monossílabos tônicos no português falado na cidade do Rio de Janeiro, por indivíduos com níveis de escolarização fundamental (1 e 2) e de Ensino Médio. Diversas questões continuam, no entanto, em aberto, como, por exemplo, a necessidade de controle de outras características dos indivíduos que compõem as amostras e que possam dar pistas mais claras sobre o comportamento mais inovador de alguns falantes em relação a outros. Uma outra questão é até que ponto a frequência de alguns itens lexicais está associada à maior recorrência de ditongação na fala de determinados indivíduos. Assim, pretendemos não só continuar investigando a direcionalidade do fenômeno da ditongação antes de /S/ nos monossílabos tônicos na variedade carioca, como também expandir a análise para os itens lexicais com extensão maior do que uma sílaba. Uma análise que considere a ditongação em outros contextos poderá trazer evidências mais seguras, principalmente, para uma hipótese de difusão lexical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILEY, Guy; WIKLE, Tom; TILLERY, Jan; SAND, Lori. The apparent time construct. **Language Variation and Change**, 3 (1991), 241-264. Cambridge University Press. 1992, p. 241-264.

BISOL, Leda. Ditongos derivados, **D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. São Paulo, v. 10, n.especial, p.123-140, 1994.

BOWIE, David. Language change over the lifespan. : a test of the apparent time construct. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, vol. 11, 2. 2005, p. 45-58. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/handle/20.500.14332/44552>

CALLOU, Dinah. Um perfil da fala carioca. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 131-151.

CÂMARA, JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Emílio Gozze Pagotto, Maria Cristina Figueiredo Silva e Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019 [1970].

CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1953].

CÂMARA, JR., Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CHOMSKY, Noah. **Syntactic Structures**. Haia: Mouton, 1957.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; NUNES de SOUZA, Christiane Maria. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

GAUCHAT, Louis. 1905. L'unité phonétique dans le patois d'une commune. In **Aus Romanischen Sprachen und Literaturen: Festschrift Heinrich Morf**, 175-232.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V; COSTA, Raquel Romankevicius. Sobre a interpretação fonológica dos ditongos em português. In: GONÇALVES, C. A.; RONCARATI, C. (Org.) **Anais do IV Congresso da ASSEL-Rio**. Rio de Janeiro: UFF, 1995, p. 112-121

HAUPT, Carine. A ditongação em sílabas fechadas por /S/ em Florianópolis. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 7, 2006, Pelotas, RS, **Anais...** Pelotas: EDUCAT, 2008, p. 1-6. Disponível em <<http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf>>.

HAUPT, Carine. **Sibilantes Coronais - o processo de ditongação e palatalização em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na Fonologia de Geometria de Traços**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis: UFSC, 2007.

HERMANN, Eduard. 1929. Lautveränderungen in der Individualsprache einer Mundart. **Nachrichten der Gesellsch der Wissenschaften zu Göttingen**. Phi.-his. Kll.,

11, 195-214.

JOHNSON, D. E. **Getting off the GoldVarb Standard**: Introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. *Language and Linguistics Compass* 3/1, 2009. p. 359-383.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria M. Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*, v. 1. Oxford, Blackwell, 1994.

LEIRIA, Lúcia Lovato. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000, p.133-141.

LEITE DE VASCONCELOS, José. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2. ed. Centro de Estudos Filológicos: Lisboa, 1970 [1901].

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos em curso no Português do Brasil: In: HORA, Demerval da; COLLISCHONN, Gisela. **Teoria linguística**: fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 232-250. (a)

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (Org.). **Razões e emoção**: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. v.1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2003. p. 87-95. (b)

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. A ditongação no português do Brasil: estudo de dois casos. In: CONGRÈS INTERNACIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES , XXII, 1998, Bruxelles, **Actes...**, Bruxelles: De Gruyter, 1998, p.95-101.

LENNEBERG, Eric Heinz. **Biological foundations of language**. Nova Iorque: John Wiley, 1967.

MATEUS, Maria Helena; XAVIER, Maria Francisca. **Dicionário de termos linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1992, v.1.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2003. 4. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. p. 9-14.

MOTA, Jacyra; SILVA, Amanda. **O vertical e o horizontal no português falado nas capitais das regiões Sul e Sudeste do Brasil: a ditongação diante de /S/**. In: CARDOSO, S; MOTA, J; PAIM, M. (Org.) Documento 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador, Vento Leste: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2012. p. 117-135.

MOTA, Jacyra; SILVA, Amanda. **Ditongação em sílabas fechadas por /s/: os dados do projeto AliB nas capitais brasileiras**. In: MOTA, J; PAIM, M; RIBEIRO, S. (Org.)

Documento 5: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas. Salvador: Quarteto: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2015. p. 177-190.

MOTA, Jacyra; SILVA, Amanda. Relações entre características acústico-articulatórias de vogais antes de <S> e sua ditongação variável em cidades baianas. **Diadorim**, Rio de Janeiro, vol. 20, no. 2, p.209-237, jul/dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n2a18019>

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2003. 4. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. p. 43-50.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição. O percurso da monotongação de [ey]: observações no tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa/Faperj, 2003. p. 31-46.

PAIVA, Maria Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: A mudança linguística em curso. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia. (Org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa/Faperj, 2003. p. 13-30

PAIVA, Maria Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2003. 4. ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021. p. 179-190.

RÉVAH, I.S.. L'évolution de la prononciation au Portugal e au Brésil du XVIe siècle à nos jours. In: PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO. 1, 1956, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e , 1958. p. 387-402

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. **Goldvarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**. Nova York: University of York, 2001. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/language/webstuff/goldvarb>

SANCHES, Romário Duarte; PEREIRA, Andreina Nunes. Ditongação de vogais diante de /S/ no português falado no Amapá. **Porto das Letras**, Vol. 06, Nº 01. abr. 2020. Estudos em variação linguística: teoria, métodos e descrição de variedades brasileiras, p. 74-92. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8026>

SANKOFF, Gillian. Age: Apperent time and real time. **Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics**, Second Edition, 2006. Article number : LALI: 01479

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1963.

SILVA, Amanda dos Reis. Variação fonética em capitais brasileiras: ditongação de vogais diante de /S/ e as realizações fonéticas do /S/ em coda. Paraíba: **Anais XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de America Latina**, 2014. p. 7-9.

SILVA, Amanda dos Reis. 2014- **A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras**. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2014.

SILVA, Amanda dos Reis. **Ditongação diante de <S> na Bahia: diferenciação dialetal e variação fonético-fonológica**. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador: UFBA, 2018.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, set. 2005.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1980].

WAGNER, Suzanne Evans. Real-time evidence for age grad(ing) in late adolescence. **Language Variation and Change**, 24. Cambridge University Press. 2012, p.179-212. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0954394512000099>

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ULIANO, Cristiane Gonçalves; CARVALHO, Maria Fernanda; DEGANI, Maria da Costa; BROD, Lílían Elisa. A ditongação das sílabas tônicas finais travadas nos falares blumenauense e porto-alegrense: uma análise preliminar. **uox**, UFSC, n. 02, 2014/1.

ZIBETTI, Érica Marciano. MARGOTTI, Felício Wessling. **Estudo sobre a formação de ditongos no contexto sílabas fechadas por /s/ no português falado na região Sul do Brasil**. In: MOTA, J; PAIM, M; RIBEIRO, S. (Org.) Documento 5: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil, avaliações e Perspectivas. Salvador: Quarteto: Universidade do Estado do Federal da Bahia/Instituto de Letras, 2015. p. 157-170.